

A DIALOGICIDADE QUE IMPULSIONA AS CAMINHADAS INVESTIGATIVAS DE UM GRUPO DE PESQUISA

THE DIALOGICITY THAT DRIVES THE TRACKS OF A RESEARCH GROUP

Fernanda Marchiori Grave **1**

Vanessa Lucena Camargo de Almeida Klaus **2**

Clodis Boscaroli **3**

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar reflexões gerais sobre um grupo de pesquisa em tecnologias, inovação e ensino, que assumimos ser plural, uma vez que tem se constituído e fortalecido das partilhas de experiências e trocas de conhecimentos técnico-científicos atrelados às diferentes formações e estudos no âmbito das áreas de conhecimento da Educação, Educação Matemática e Ciência da Computação. Perante um trabalho formador entre os investigadores e os investigados (docentes, discentes, dentre outros), discutimos como a dialogicidade, presente nas obras de Paulo Freire, pode funcionar como um elemento dinâmico de interação comunicativa que propulsiona todas as práticas desse grupo. Neste contexto, examinam-se as possibilidades e limitações entre os olhares que se debruçam sobre as pesquisas realizadas e em andamento, trazendo a dialogicidade como uma oportunidade que age nos pesquisadores no exercício de fazer pesquisa ética, responsável, colaborativa, consciente e crítica.

Palavras-chave: Dialogicidade. Paulo Freire. GTIE. Pensamento Crítico.

Abstract: The aim of this article is to present general reflections on a research group in the field of technologies, innovation and teaching, which we assume to be plural, since it has been constituted and strengthened through the exchange of experiences and technical-scientific knowledge related to different trainings and studies within the knowledge areas of Education, Mathematics Education and Computer Science. Given the formative work between the researchers and the studied (teachers, students, among others), we discuss how dialogicity, present in the works of Paulo Freire, can function as a dynamic element of communicative interaction that drives all the practices of this group. In this context, the possibilities and limitations between the perspectives focused on the research conducted and in progress are explored, considering dialogicity as a possibility that acts on researchers in the conduct of ethical, responsible, collaborative, conscious and critical research.

Keywords: Dialogicity. Paulo Freire. GTIE. Critical Thinking.

- 1** Doutoranda em Educação em Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Mestra em Educação em Ciências e Educação Matemática pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Licenciada em Matemática pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). É professora no Instituto Federal do Paraná (IFPR) - Campus Avançado Barracão. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0382285472010080>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1959-7436>. E-mail: fermgrave@gmail.com
- 2** Doutora em Educação em Ciências e Educação Matemática (Unioeste), Mestra em Ensino de Ciências e Educação Matemática e Licenciada em Matemática pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É professora adjunta na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4002703346200955>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8457-2871>. E-mail: vanessa.almeida3@unioeste.br
- 3** Doutor em Engenharia Elétrica pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Informática pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Bacharel em Informática pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). É professor associado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Cascavel, Paraná, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2844207318576160> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7110-2026>. E-mail: boscaroli@gmail.com

Palavras Iniciais

Nós, os autores, somos atuantes no Grupo de Pesquisa em Tecnologia, Inovação e Ensino (doravante GTIE¹) e aqui, concordamos, sem o interesse de demarcar toda a nossa história, em apresentar a realização de uma escrita no estilo dialogado, uma característica fortemente presente na obra de Paulo Freire, em que diálogo quer dizer “[...] o elemento de interligação e trança de sentidos [...]” (Casali, 2012, p. 64), objetivando discutir como a dialogicidade propagada por Paulo Freire pode ser um alimento que nutre e une um Grupo de Pesquisa. Rossit *et al.* (2018, p. 1512) expõem “na perspectiva de ‘grupos’ [...]” que:

o trabalho coletivo deriva da união, em um mesmo espaço físico ou virtual, de diferentes pessoas com interesses comuns. A oportunidade da convivência, de estar junto, aprender junto e de fazer junto, da aprendizagem compartilhada, do conhecimento de uns com os outros, das interações e das intenções de cada integrante do grupo, quando liderada com princípios norteadores e ancorada em conhecimento científico sólido, tem o potencial de se transformar em um espaço de desenvolvimento pessoal e profissional.

Nesse aspecto, o grupo assume o diálogo associado a um movimento que pode gerar esperança. Pensando no contexto desta escrita, refletir sobre a dialogicidade como um alimento que nutre e mantém um grupo de pesquisa, visualizamos essa intenção de construção de diálogo com o leitor como uma busca para compreender a teia do entrelaçamento que nos leva a construir uma nova unidade, segundo a percepção da realidade em sua totalidade e em dinâmica de aprendizagem.

Nosso grupo foi criado, ainda que sem uma formalização institucional, em 2015, a partir da união de iniciativas de pesquisa e extensão realizadas no âmbito do Bacharelado em Ciência da Computação, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), *campus* de Cascavel, do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGen) – mestrado acadêmico e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Gestão e Sustentabilidade (PPGTS) – mestrado profissional, ambos no campus de Foz do Iguaçu da Unioeste, adquirindo robustez pelo aglutinar, na sua maioria, de pesquisadores em Informática na Educação e de outras áreas que, de forma interdisciplinar, estão preocupados com os impactos da Computação na sociedade (Portal GTIE, 2023).

No ano de 2019, ao tornar-se um grupo institucionalizado na Unioeste e no Diretório de Grupos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), passou a articular-se em atividades do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática (PPGECM) – mestrado e doutorado acadêmicos, e do Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação (PPGComp) – mestrado acadêmico, ambos no campus de Cascavel (Portal GTIE, 2023, n. p). A partir de 2022 ficou ligado a apenas esses dois Programas, mudanças essas devido à migração das atividades do líder na Pós-graduação e, por conseguinte, do direcionamento e interesses de pesquisas do Grupo.

Desde 2019, a ênfase dos estudos e pesquisas no GTIE está mais voltada ao desenvolvimento e à articulação de conhecimentos e saberes advindos das áreas de Informática na Educação, Educação em Computação e Educação Matemática, em um trabalho formativo envolvido com “[...] professores em tecnologias digitais, metodologias e práticas inovadoras de ensino mediadas por tecnologias digitais, *design* instrucional e aprendizagem [*online*] em ambientes virtuais, uso de tecnologias no ensino regular e inclusivo [...]” (Portal GTIE, 2023), lançando mão de metodologias e práticas para o desenvolvimento do pensamento computacional.

Como resultados do grupo, tendo por mediação as tecnologias digitais, são esperadas formações qualificadas de recursos humanos ao nível de graduação e pós-graduação, publicações dos resultados de pesquisa em veículos reconhecidos nas áreas de atuação e discussões propositivas acerca de estratégias didático-pedagógicas para processos de ensino e aprendizagem de Matemática. Mas, não somente, pois tem se desdobrado em diferentes formatos de oferta de

1 Site oficial do Grupo de Pesquisa, disponível em: <https://www.unioeste.br/portal/gtie>.

formação continuada docente.

Consideramos este um grupo plural por entendermos que o termo abrange o “que pode ser composto ou se referir a mais de um(a)” (Risco, 2023). Na língua portuguesa, o plural é a classe gramatical que expressa as variáveis formadas por dois elementos (Plural, 2020). Para De André (2007)

Uma dimensão importante a ser explorada no grupo de pesquisa é a da pluralidade na sua composição. A diversidade pode tornar-se um fator de crescimento, se bem aproveitada. O grupo pode reunir participantes com formação e experiência variadas, de modo que uns possam aprender com os outros. Há vários casos de sucesso que caminharam nessa direção (De André, 2007, p.134).

O GTIE é constituído por pessoas de diferentes áreas de pesquisa e atuação, o que é bastante comum em ambientes acadêmicos e de aprendizado colaborativo, que busca possibilitar aos seus integrantes, de maneira cooperativa, confrontarem seus valores sociais e políticos, a respeito do que e como se deseja pesquisar. Nesse sentido, ao refletirmos sobre as diferenças e semelhanças entre os sujeitos que compõem o grupo em questão, temos que

Nós somos todos diferentes e a maneira como se reproduzem os seres vivos é programada para que o sejamos. É por isso que o homem teve a necessidade, um dia, de fabricar o conceito de igualdade. Se nós fôssemos todos idênticos, como uma população de bactérias, a ideia de igualdade seria perfeitamente inútil (Freire, 2014, p. 135).

Araújo, Campos, Camelo (2015, p. 47) afirmam que se assumirmos “[...] como seres sociais, históricos e políticos que pretendem transformar e criar novas práticas em Educação Matemática”, nós, enquanto grupo, costuramos histórias, como aponta Ferreira (2016), e compartilhamos não apenas memórias, como dividimos nossas incertezas acerca dos caminhos, em um cenário de encontros, pluralidades, diferenças e conflitos.

Sendo assim, consideramos a dialogicidade presente nas obras de Paulo Freire (apresentada na próxima seção) como um alimento para manter e nutrir esse grupo num contínuo caminhar formativo, investigativo. Na sequência, mostramos uma escrita que considera o diálogo e a dialogicidade em si para o processo de conscientização da humanização, de modo a trazer uma projeção do GTIE na dialogicidade em atividades formativas com os outros. Com isso, almejamos o crescimento nas questões referentes às realidades de estudo com respeito às pessoas e os saberes envolvidos, porque “[...] a dialogicidade prevê grandes mudanças na maneira como nos relacionamos com o mundo e com os outros” (Silva; Estrela, 2015, p. 2).

Dialogicidade como alimento para um grupo de pesquisa

Dialogicidade é um conceito fundamental na pedagogia do educador brasileiro Paulo Freire, conhecido internacionalmente por sua abordagem pedagógica centrada no diálogo e na conscientização, a qual foi desenvolvida principalmente em sua obra “Pedagogia do Oprimido”. A dialogicidade se refere à importância do diálogo como um articulador fundamental no processo de aprendizagem e na transformação social.

Para o autor, a dialogicidade influi em um diálogo como um processo de construção mútua de conhecimento. Ele acreditava que o diálogo entre professores e alunos não deveria ser uma transmissão unilateral de informações, mas, sim, um processo de construção conjunta de conhecimento. Freire defendia que os educadores deveriam se engajar em conversas significativas com os alunos, permitindo que eles compartilhem suas experiências e perspectivas, pois “o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos” (Freire, 1986, p. 164).

Quando ingressamos em um grupo de pesquisa, o fazemos pelo interesse nas temáticas que lá serão pautadas para estudo e discussão, para o aprofundar em conhecimentos teórico-práticos. E, mais: buscamos construir conhecimento a respeito dos outros, e sobre nós mesmos, enquanto pessoas que pesquisam e refletem sobre suas ações enquanto nos constituímos nesse trilhar coletivo como pesquisadores. Da mesma maneira, as propostas de formação docente que nascem desses encontros e diálogos, propõem essa mesma postura. Podemos, assim, nos questionarmos

O que se busca com a pesquisa? A finalidade primeira da pesquisa parece ser a geração de conhecimentos social e cientificamente relevantes. Pesquisamos para conhecer melhor o mundo (e, mais especificamente, o meio em que atuamos) e para termos maior clareza sobre quais são as ferramentas necessárias para transformação desse mundo num sentido de justiça e equidade. Temos clareza de que o conhecimento é fruto de um processo coletivo. No nosso caso, participamos de uma comunidade de pesquisadores que se dedica à investigação das problemáticas educacionais, com o objetivo de compreendê-las, e com o apoio nos conhecimentos já acumulados, interpretá-las e sugerir caminhos para superar os pontos críticos e reforçar as conquistas. Nesse processo de produção coletiva de conhecimento e de comunicação com o outro, de nossas descobertas, podemos imprimir às nossas ações um caráter formador e emancipatório. Formador, enquanto nos dispusermos a compartilhar nossas buscas e nossas descobertas com nossos alunos, com colegas da área e com outros interessados. Emancipatório, se entendermos que, ao conhecer melhor a realidade, podemos agir mais efetivamente sobre ela, mudando-a na direção desejada. Estaremos mais livres para escolher e para nos livrarmos das amarras da dependência e da submissão (De André, 2027, p.134).

Nesse sentido, Paulo Freire (2007) explica que somos históricos, e, portanto, refletimos em nossa leitura e escrita aquilo que somos no momento e o que fazemos. Acreditamos que todos nós nos desenhamos a partir de nossos fundamentos e autoconhecimentos. E o ser e fazer pesquisar é, antes, expor e refletir sobre nossos conhecimentos, angústias, incertezas, contradições, crenças. Enfim, sobre a nossa vida. Assim, defendemos que pesquisar é algo a mais, não ficando apenas naquilo que existe em nós, pois quando se realiza o exercício da escrita reflexiva, além de se apresentar o que se pensa e de avançar em relação ao que se pensa, sobre o que já se pensava, também se cresce pessoal e academicamente nessa dinâmica de aprendizagem, pois a pesquisa não é estagnada.

Acreditamos que uma pesquisa, da sua concepção à materialização, pode desencadear um trajeto infinito de formação para a construção do nosso Eu. Um Eu olhando para a intersubjetividade, não é egoísta. Que, sustentado de (in)certezas, angústias, alegrias, (in)satisfações, já não é mais o mesmo; vê-se diferente, pensa-se diferente e, também, nos outros. Esse é um Eu que nasce e se nutre dos outros, do diálogo e das trocas com os outros.

Buscamos entender o diálogo como um elemento fundamental para aproximar pessoas e oportunizar crescimentos pessoal, profissional e científico com práticas pedagógicas capazes de refletir, responder e agir na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, por meio da mobilização do respeito ao outro, da sua história e diversidade cultural. Pois, quando “obstaculizar a comunicação é transformá-los [homens e mulheres] em quase ‘coisas’ e isso é tarefa e objetivo dos opressores, não dos revolucionários” (Freire, 1978, p.125).

Nessa direção, enquanto grupo, nos comprometemos com o “Pesquisar”, como Garnica (1999, p. 9), nos orienta; “mantendo uma postura rigorosa, séria, sistemática, de disposição a uma busca, na realidade interminável, numa atitude de rodearmos aquilo que pretendemos conhecer”, buscando alternativas pedagógicas que nos auxiliem no desafio da humanização perante as caminhadas investigativas.

Diálogo e dialogicidade: processo de conscientização para a humanização

Paulo Freire (1979) afirma que o diálogo como fenômeno humano está fundamentado na palavra como verdade que conduz o indivíduo à práxis com vistas à transformação de sua realidade. Para tanto, na dialogicidade estão presentes duas dimensões indispensáveis nessa possível construção do diálogo: a ação e a reflexão. Nessa linha de pensamento, Freire (2014, p. 78) explica que “não é no silêncio que os homens e as mulheres se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Essa ideia apresentada por ele, salienta que é pelo diálogo que o homem se relaciona com o próximo, estabelece conexões, discute sobre a realidade que o cerca. O homem e a mulher são seres sociais e como seres sociais necessitam da ajuda um do outro para aprender. Nesse sentido, Paulo Freire (2014) salienta que a relação dialógica não anula, como às vezes se pensa, a possibilidade do ato de pensar, mas que o ser dialógico é não invadir ou manipular a realidade e, sim, empenhar-se na transformação constante da realidade.

Quando tratamos de dialogicidade, citamos Paulo Freire (1986), que apresenta o diálogo como necessária interação comunicativa para que as pessoas enfrentem e possam superar situações que as oprimem, outrossim, essa é a essência da educação como prática da liberdade, prática como uma dimensão que não pode reger sem a outra. A humanização de si acontece pela comunicação que permite a socialização da pessoa com o seu meio e no encontro de subjetividades. O monólogo é exatamente a negação desta abertura. Ora, nesta capacidade de comunicação, o homem, como ser inacabado, é chamado a personalizar-se, é convidado a ser cada vez mais pessoa exercitando sua liberdade, “ninguém liberta ninguém e ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 1993, p. 29). Defendemos também que

O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem é favor que um faz ao outro (Freire, 1993, p. 118).

Temos que encarar, sinaliza Freire (1969), um educar formativo que “[...] ocorre no tempo e no espaço, entre os homens, uns com os outros” (p. 123), cujo caminhar para humanização está em permitir ao outro, em sua própria práxis, “[...] ser como é, em sua incompletude, em sua busca [...]” (p. 126), investigativa, no caso, do grupo de pesquisa.

Outra possibilidade que a dialogicidade alimenta é o respeito mútuo e a igualdade, dado que a dialogicidade pressupõe a reciprocidade entre docentes e discentes, de maneira a não sobrepor a superioridade ao outro. Paulo Freire enfatizava a importância de criar um ambiente de sala de aula em que os alunos se sintam livres para expressar suas opiniões e questionar o que estão aprendendo. Nesse aspecto, o grupo tem condições de provocar abertura ao expressar-se livremente, num trabalho que conceba a crítica e a incompletude humana, elementos comunicativos da formação docente-pesquisador e atrelados à dialogicidade.

Na perspectiva da dialogicidade temos que:

O diálogo é uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança, que se configuram em matriz educacional. Por isso, só o diálogo comunica. É quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se então uma relação de simpatia entre ambos. Só, então, há comunicação (Freire, 1980a, p. 107).

Uma comunicação que visa a interação com o outro, mas que por si só não acontece. Nesse movimento de dialogar, é necessário um trabalho para a conscientização crítica, que é inerente estar, enquanto grupo de pesquisa, propenso à dialogicidade. Paulo Freire acreditava que os alunos

deveriam ser encorajados a analisar criticamente sua realidade e a sociedade em que vivem, a fim de se tornarem agentes de mudança social. É o que abrange um grupo de pesquisa, que em sua dinâmica formativa interroga-se com o mundo para poder lê-lo, interpretá-lo, conhecê-lo e propor alternativas para um dado problema.

O processo de humanização permite que as pessoas se tornem mais conscientes de si mesmas, dos outros e do seu redor. Nesse processo, o diálogo é visto como uma maneira de promover a liberdade e a emancipação das pessoas. Estamos sendo, enquanto grupo de pesquisa, mas não somente, “[...] estimulados a pensar e a repensar o pensamento do outro na construção do conhecimento. O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação. O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual” (Freire, 1986, p.11).

Assim sendo, na próxima seção exploramos, a partir da dialogicidade na pedagogia de Paulo Freire, o processo de promoção do diálogo como um meio de construção de conhecimento, respeito mútuo, conscientização e emancipação do GTIE. Ressaltamos que ela desafia a tradicional abordagem bancária da Educação, na qual o conhecimento é depositado passivamente nos aprendizes, e enfatiza a importância de uma abordagem mais participativa e crítica de formação.

GTIE no processo da dialogicidade: atividades formativas com os outros

Em nosso grupo, que tem reuniões quinzenais de, em média, três horas e meia de duração, o diálogo desempenha um papel fundamental na construção das pesquisas que envolvem, em algum grau, diversas áreas do conhecimento, incluindo ciências sociais, humanidades, ciências naturais, ciências exatas e, em especial, na área da Educação Matemática.

Tecemos este texto a partir da nossa experiência no contexto descrito. Neste sentido, Larrosa (2014) nos traz que a experiência é a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos afete, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm. Para ele, a experiência requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar. Parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes. Suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação. Cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos. Falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

No GTIE, a dinâmica do aprender perpassa por leituras coletivas dos trabalhos dos membros que estão em produção, visando entendimento de ideias e escrita. Trazemos, também, constantes exercícios de leitura prévia para discussão reflexiva e de crítica de artigos publicados de autores outros ligados a temas de interesses, como de formação docente e tecnologias digitais. Queremos escutar o que o outro tem a nos dizer. Sabemos que:

No Brasil e na América Latina, os Grupos de Pesquisa são um espaço e um objeto de estudo ainda em busca de valorização e de reconhecimento. Apesar de se constituírem uma das bases da Pós-Graduação no Brasil e da formação de pesquisadores, são ainda pouco valorizados no âmbito das instituições e pelos órgãos de fomento (Mainardes, 2021, p. 12).

Acreditamos que quando nos colocamos abertos para o diálogo com os pares no grupo pesquisa, há a união de pesquisadores de diferentes áreas e com interesses de estudos distintos, o que fortalece a geração de ideias. Pois, o diálogo com os colegas, mentores e especialistas auxilia no processo de o pesquisador refletir sobre os encaminhamentos para a condução de sua pesquisa. O GTIE tem crescido em situações exploratórias da atividade técnico-científica. Nele, buscamos por debates que possam trazer novas perspectivas e abordagens para algum dos problemas que vêm sendo estudados. Por exemplo, há os momentos nos encontros formativos dedicados à partilha de apresentações do projeto, de andamentos das pesquisas, aos estudos de textos, às tomadas de decisão referentes a projetos de extensão e ensino e sobre participação em eventos. Buscamos

ouvir o que o outro tem a nos dizer sobre o processo emocional que o abrange na caminhada investigativa.

A relevância dessas atividades está na escuta do outro e no *feedback* que podemos oferecer ao pesquisador, que, antes, é um ser humano que se constitui em meio a problemas também de cunho pessoal e profissional. O diálogo é crucial. Ele pode ajudar a identificar fragilidades na metodologia, abordagem ou argumentação e pode aprimorar a qualidade do trabalho. A questão da contextualização é algo que a dialogicidade propicia, pois com os outros pesquisadores oportunizamos, dentre algumas contribuições, a situar a pesquisa em relação ao trabalho existente numa determinada área. Há, também, o acolhimento em uma situação de análise crítica, o que pode ajudar na identificação de lacunas e pode auxiliar na reflexão sobre a pertinência e relevância da sua pesquisa – o que difere o seu trabalho dos já existentes?

Dessa forma, abertos para essa postura dialógica com seus pares, nasce a colaboração, que só pode acontecer em um diálogo. Trabalhar como equipe permite ampliar os recursos disponíveis para a pesquisa e levar a descobertas mais significativas, como na validação e testagem de uma ideia. Ao apresentá-la ao outro, questões referentes à identificação de possíveis problemas ou limitações na abordagem metodológica, ou teórica podem surgir – que método, epistemologia, seres humanos, objetos tecnológicos, conhecimentos, relações sociais está a considerar? Logo, isso amplia nossos horizontes enquanto pesquisadores, pois nos permite vivenciar a troca de experiências com pessoas de diferentes origens culturais, que ministram diferentes disciplinas ou pontos de vista. Esse diálogo pode enriquecer não somente o trabalho de investigação, mas também, a nossa formação para a pesquisa que nos coloca sob perspectivas diversas para o problema que se está estudando. Nesse sentido,

A dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos (Freire, 2007, p. 60).

Da mesma forma, a comunicação de resultados é afetada, pois o diálogo não se limita apenas à fase de pesquisa, mas também é importante na disseminação dos resultados. Ao apresentar nossas descobertas como comunicações em conferências ou pelas publicações diversas, o GTIE cria um espaço comunicativo entre os membros para partilhar as fragilidades ou não do diálogo com a comunidade acadêmico-científica na intenção de contribuir para a transformação de realidades de atuação não só dos membros, mas de uma sociedade que leva a sério o avanço do conhecimento para melhorias na Educação.

Nesse olhar, entendemos que a dialogicidade influi proporcionalmente à questão da nossa Ética e responsabilidade enquanto sujeitos que pesquisam, pois, o diálogo também desempenha um papel na discussão de questões éticas relacionadas à pesquisa, como consentimento de participantes, tratamento de dados sensíveis e implicações sociais de seus achados. É com o diálogo crítico que “[...] sobre um texto ou um momento de sociedade, tentamos penetrá-lo, desvendá-lo, ver as razões pelas quais ele é como é, o contexto político e histórico em que se insere. Isto é, para mim um ato de conhecimento e não uma mera transferência do conhecimento” (Freire; Shor, 1986, p. 16-17).

Assim, partindo da nossa experiência, enquanto sujeitos atuantes em um mesmo grupo de estudos e pesquisa ligado às tecnologias, inovação e ensino, reforçamos a importância da pesquisa não apenas como um recurso de produção de conhecimento, mas também como um meio de desenvolvimento pessoal e empoderamento de pessoas.

Acreditamos que ao criarmos e fomentarmos espaços nos quais os pesquisadores possam nutrir a dialogicidade, podemos ampliar as capacidades cognitivas das pessoas, permitindo-lhes compreender melhor o mundo ao seu redor e cultivar uma atitude de questionamento constante em relação à realidade. Ainda, a partir dos encontros no grupo, pretendemos com as individuais e coletivas visões de mundo, propiciar aos membros as suas próprias trajetórias de formação, em meio às tribulações existentes do fazer científico, contribuindo para o pensar sem se eximir do processo de reconhecer-se inacabado, do empoderamento e do seu reconhecimento da identidade

aos espaços de convivências, estudos e experiências.

Portanto, a pesquisa não é apenas uma atividade acadêmica. Ela influencia profundamente na formação das identidades individuais e o empoderamento pessoal, em que “o diálogo é o encontro amoroso dos homens [e mulheres] que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam, e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (Freire, 1980b, p. 43). Assim, afirmamos que o diálogo desempenha um papel decisivo em todas as etapas da pesquisa, desde a concepção da ideia até a comunicação dos resultados. Ele promove o pensamento crítico, a colaboração e a qualidade da pesquisa, além de ajudar a contextualizar a pesquisa dentro do corpo existente de conhecimento em uma determinada área.

Diálogo aqui não é tão somente a conversa, mas uma interação que nos aproxima mais intensamente daquele que queremos ensinar e nos deixa aberto para a mudança da nossa própria compreensão do que são esses indivíduos, ao ponto de indagarmos a respeito do nosso próprio trabalho e – quem sabe – da nossa própria existência. No diálogo está presente a capacidade pedagógica da corporeidade, porque é o próprio corpo que transporta a dialogicidade do encontro (Berino e Silva, 2010, p. 10).

Por fim, para nós, a pesquisa mobiliza os processos de crescimento pessoal e acadêmico, a fim de nos tornarmos pessoas mais críticas, confiantes e comunicativas, de modo a sermos mais e melhores para si, para o outro e com o outro em uma sociedade cuja construção do conhecimento é coletiva.

À guisa de conclusão

Diante do exposto sobre a dialogicidade nutrir as caminhadas investigativas de um grupo de pesquisa, compreendemos ser possível, a partir dos ensinamentos de Paulo Freire, transcender o diálogo superficial, criando uma comunicação interativa e profunda entre pessoas que se debruçam entre diferentes temas e pesquisas, em que a dialogicidade funciona como um elemento que nutre o pesquisador, no exercício de construir sua pesquisa de maneira ética responsável, consciente e crítica, abrangendo as mais diversas áreas do conhecimento e de sua formação docente.

Assim, argumentamos que, aos nos colocarmos enquanto pesquisadores abertos para o diálogo na perspectiva Freireana com nossos pares no grupo de pesquisa, ocorre o fortalecimento de ideias, a discussão de perspectivas futuras, a contextualização com a prática docente e sem dúvidas, esse processo de se construir um ser dialógico no exercício de fazer pesquisa no Brasil, corrobora no atrevimento e no compromisso de gerar novos avanços nas pesquisas.

Acreditamos que a dialogicidade é uma ferramenta importante no processo, e nessa linha de pensamento, D’Ambrosio e Lopes (2015), afirmam que esta postura favorece a construção do diálogo com outras áreas, na qual possamos nos aventurar, nos abrindo para o novo. Temos clareza que, ao nos colocarmos neste movimento, enquanto pesquisadores, estamos nos movimentando também, no sentido de fazer uma boa pesquisa, “em prol de um sucesso que signifique o desenvolvimento de um novo conhecimento, que traga à sociedade humana novas esperanças de vida” (D’Ambrosio; Lopes, 2015, p. 375). Por fim, na dialogicidade que Paulo Freire nos revela, surge a nós o compromisso de ouvir e falar com o outro, indo além do que se conhece, possibilitando novas formas de ver, ler e fazer a pesquisa e interagir com o mundo.

Desejamos que este texto possa gerar ideias para debates futuros no que tange a dialogicidade como um alimento que une e nutre um grupo de pesquisa plural e para o desafio que nos acompanha no estabelecimento do processo de humanização em uma prática transformadora e de liberdade, em que o outro possa consolidar-se de forma individual e no grupo, sem ser reprimido em suas singularidades.

Tarefa árdua, mas exercício necessário para vivenciar uma dialogicidade pautada em Paulo Freire. Mesmo compreendendo a necessidade de tribulações que são próprias da academia e que também nos constituem enquanto pesquisador que lida e enfrenta os conflitos existentes nas

relações com o outro e com o mundo, lutamos por um mundo mais humanizado e equalitário. Diante do exposto, vislumbramos a necessidade consciente de que os pesquisadores cultivem uma cultura de diálogo e colaboração em suas atividades de pesquisa.

Referências

ARAÚJO, Jussara de Loiola.; CAMPOS, Ilaine da Silva.; CAMELO, Francisco Javier. Pesquisar o que poderia ser: uma interpretação dialética para a relação entre prática pedagógica e pesquisa segundo a educação matemática crítica. In: D'AMBROSIO, Beatriz; LOPES, Celi (Org). **Vertentes da subversão na produção científica em educação matemática**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 43-62.

BERINO, Aristóteles; SILVA, Monique de Oliveira. Paulo Freire e Milton Santos: aproximações, seduções. In: CAMPOS, Marília Lopes de; SOUZA, Lana Cláudia Fonseca de (Org). **Oficinas de ensino: III Semana Paulo Freire da UFRRJ**. Seropédica: EDUR: 2010. p. 119-127.

CASALI, Alipio Márcio Dias. Os Gêneros de Texto na obra de Paulo Freire: um legado pedagógico e literário. **Revista e-Curriculum**, v. 10, n. 3, 2012.

D'AMBROSIO, Beatriz; LOPES, Celi. Movimento da insubordinação criativa em algumas pesquisas brasileiras em Educação Matemática. In: D'AMBROSIO, Beatriz; LOPES, Celi (Org). **Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 369-379.

DE ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso. Grupos de pesquisa: formação ou burocratização? **Revista de Educação PUC-Campinas**, n. 23, 2007.

FERREIRA, Michelle Dantas. Espiando pelas frestas de um grupo de pesquisa: diálogos sobre educação estética, arte e formação de professores. **Tramas para Reencantar o Mundo**, v. 2, n. 2, 2016.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980a.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980b.

FREIRE, Paulo. **Papel da Educação na Humanização**. Revista Paz e Terra, São Paulo, n. 9, p. 123-132, out. 1969.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36e. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo; SHÖR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GARNICA, Antonio. Vicente. Marafioti. Filosofia da educação matemática: algumas re-significações e uma proposta de pesquisa. In: BICUDO, M. A. V. (Org.) **Pesquisa em educação matemática**:

concepções e perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad.: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MAINARDES, Jefferson. Grupos de pesquisa da área de educação no Brasil: Revisão de literatura. **Cadernos de Educação**, n. 65, 2021.

PLURAL. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/risco/>. Acesso em: 14 set. 2023.

PORTAL GTIE. **Grupo de Pesquisa em Tecnologia, Inovação e Ensino**: apresentação. 2023. Disponível em: <https://www.unioeste.br/portal/gtie>. Acesso em: 16 set. 2023.

ROSSIT, Rosana Aparecida Salvador et al. Grupo de pesquisa como espaço de aprendizagem em/sobre educação interprofissional (EIP): narrativas em foco. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, p. 1511-1523, 2018.

SILVA; Camilla Marques da; ESTRELA, Karla Alexandra Dantas Freitas. Dialogicidade freireana: uma possível abordagem metodológica no programa ler, entender e fazer. 2015. *In*: II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2015, Campina grande. *In*: **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/15750>. Acesso em: 20 setembro de 2023.

Recebido em 05 de junho de 2023.

Aceito em 11 de agosto de 2023.